

Simplemente humana

— RAFAELA DE SOUZA VIANA —

intransitiva

TRANSFORMAÇÕES DO EU E DO OUTRO (V. 6, N. 1, 2022)

Simplemente humana

Rafaela de Souza Viana

Atravessava a movimentada praça com passos apressados. O ônibus ficara preso em um congestionamento, por isso estava alguns minutos atrasada para a reunião do trabalho. Apesar da pressa, seus olhos se fixaram em um dos bancos logo à sua frente. Um homem idoso o ocupava, vestido com roupas sujas e velhas, alheio a tudo e a todos. Inerte, uma estátua. Um monumento público visto tantas vezes que já não era notado. Fragilidade. Foi a palavra que lhe veio à mente. Sentiu seus olhos se umedecerem, o coração apertar. Uma inquietude brotou no seu interior, um perturbador sentimento de incapacidade *versus* revolta.

Seguiu seu caminho. Tinha que seguir. Em seu pensamento ecoava a frase, que de tão repetida já era um clichê: “uns com tanto, outros com tão pouco”. Chegou ao seu local de trabalho. Suportou duas longas horas de conversas e debates. Seu corpo estava lá, mas a inquietude que a imagem daquele homem idoso lhe havia provocado a impedia de se concentrar

nas discussões. Quando finalmente a reunião foi encerrada, avisaram que seria servido um lanche para a equipe. Nos minutos prévios à entrada da comida, pequenos grupos de conversas começaram a se formar. Desejava ir embora, estava mentalmente cansada da exaustiva rotina laboral. Porém, impelida por uma vívida sensação que a instava a permanecer, seguiu ali falando com alguns colegas, interagindo apenas o necessário para a fluidez das conversas à sua volta.

O lanche chegou servido em embalagens individuais para viagem. “Não estou com fome”, pensou.



A imagem do senhor na praça relampejou em sua mente. Pegou uma embalagem. Nem mesmo a guardou em sua espaçosa bolsa, não era para ela. Quando estava prestes a deixar o trabalho, pediram que esperasse, era preciso revisar alguns pontos de um projeto que havia elaborado.

— Você pode esperar dez minutinhos, querida? — Perguntou sua coordenadora. — Só preciso finalizar esses documentos e já, já começamos.

— Claro. Sem problema — respondeu, porque não havia outra coisa a se dizer.

Os minutos se passavam e sua ansiedade só aumentava. A embalagem do lanche que agora descansava sobre uma mesa parecia ser um recordatório do que poderia significar a marcha do tempo. Era estranhamente dolorosa a necessidade de saber se voltaria a encontrar aquele homem.

Depois de quarenta e cinco minutos, saiu da escola, atravessou a rua, passou pelo banco onde vira o senhor pela primeira vez: vazio. Seguiu caminhando, atenta, vasculhando os bancos e possíveis abrigos improvisados. Percorreu toda a extensão da praça. Nada. Ele já não estava ali. Desmotivada, seguiu seu caminho para a parada de ônibus. De repente, lembrou-se de que precisava fazer uma recarga em seu celular pré-pago. Mudou a direção de seus passos. De longe avistou uma figura sentada sobre o meio-fio em frente à loja a que se dirigia. “Seria possível?”, questionou-se. Apressou os passos. Sim, era ele! Uma segunda onda de emoção a invadiu ao revê-lo. Sua mão, inconscientemente, aperta a embalagem que ainda levava consigo. Ela não saberia explicar como, mas, depois de se agachar diante dele e lhe estender a embalagem com o lanche, conseguiu perguntar, com a voz embargada: — O senhor aceita?

Seu olhar encontrou o dele. Por alguns segundos, ela contemplou o espelho d’água de um lago escuro, era de uma profundidade indecifrável. Ele pegou a embalagem sem pronunciar uma única palavra e, imediatamente, retornou ao estado de apatia. Ela respirou fundo e olhou para ele uma última vez antes de entrar na loja. Ao sair, encontrou o meio-fio vazio. Sentiu-se vazia. Impotente.

Piscou os olhos repetidas vezes para afugentar as lágrimas que insistiam em aguçá-los. Por que se sentia assim? Por que algo tão corriqueiro a perturbava tanto? Por quê? Durante a espera do transporte, tenta compreender

o motivo da sua inquietação. Encontrou uma resposta. “A invisibilidade do ser marginalizado apaga vidas, desumaniza pessoas”, meditou. E ela a enxergara, o enxergara. De tanto ser invisível aos olhos alheios, os outros também passaram a ser invisíveis para ele; talvez ele próprio fosse invisível para si mesmo.

O ônibus chegou. Ela continuou refletindo enquanto a paisagem mudava ao longo do trajeto. É possível que as pessoas evitem olhar para o outro por um mecanismo de defesa — analisava —, porque quando permitimos que a nossa percepção do outro interaja com quem somos, terminamos construindo uma nova percepção sobre nós mesmos e isso pode nos surpreender, tanto para o bem quanto para o mal.

A realidade fora escancarada diante dos seus olhos, era triste, era vergonhosa, mas, ainda assim, a fazia sentir-se humana. Sim, humana! Pois ela a vira, ela se incomodara, ela a sentira. Sua inquietude tinha um nome: humanidade.

Seu pequeno gesto era apenas isso, um gesto, mas vários pequenos gestos transformam-se em ações. No entanto, para que ações aconteçam, é preciso que as pessoas estejam dispostas a ver, a sentir ou que elas aprendam a ver e a sentir. Ela poderia contribuir para que isso acontecesse...

— Oi, professora! — Diz uma adolescente, enquanto tenta se acomodar dentro do transporte lotado.

Ela sorri e cumprimenta a aluna.

Sim, ela poderia contribuir. Ela já o vinha fazendo e assim seguiria.



Sobre a autora

Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Letras-Espanhol (2014) e em Letras-Português (2021) pela UFPB. Divide-se entre o seu amor pelo fazer literário e a sua paixão pelo ensino de línguas estrangeiras, espanhol e/ou português para estrangeiros.